

USOS DA ANTIGUIDADE EM DISCURSOS ANTIFEMINISTAS NAS REDES SOCIAIS

Júlia Lopes Coelho (UFJF)¹

Carol Martins da Rocha (UFJF)²

RESUMO: Sabemos que historicamente ideias relacionadas (ou construídas a partir) da Antiguidade já serviram para validar diferentes tipos de discursos. Tal questão, inclusive, já vem motivando discussões por parte de estudiosos, como DuBois (2001), Zuckerberg (2018) e Morales (2021). Debate-se como os temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-romana têm influenciado o pensamento, sobretudo, no Ocidente, a partir de interpretações variadas ao longo do tempo e também a depender do espectro político-ideológico de quem as propõe. Dessa forma, diante da necessidade de realizar em nosso país pesquisas semelhantes às das estudiosas mencionadas e, pensando na interpretação da Antiguidade que vem sendo feita por membros de comunidades *Red Pill*, este artigo parte da seguinte pergunta: como ideias relacionadas à Antiguidade vêm sendo usadas para embasar a discussão de diferentes temas relacionados às questões de gênero, sobretudo no ambiente de perfis antifeministas? Para discutir tal questão, observaremos a presença dessas ideias em vídeos de um canal de *YouTube*. Interessa-nos o fato de que se parte de concepções embasadas, sobretudo, na reflexão relacionada a alegadas imagens da Antiguidade para reforçar discursos e ideias que definem um ideal de mulher específico: a mulher que representa o sexo frágil e é submissa aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade; gênero; internet; misoginia.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

USES OF ANTIQUITY IN ANTIFEMINIST DISCOURSES ON SOCIAL MEDIA

ABSTRACT: It is known that historically ideas related to (or built upon) Antiquity have been used to validate different types of discourses. Scholars such as DuBois (2001), Zuckerberg (2018), and Morales (2021) are concerned about this issue. They discuss how themes addressed in written productions from Graeco-Roman Antiquity have been influential in Western thinking, based on varied interpretations over time and also depending on the political-ideological spectrum of those proposing them. Therefore, given the need to carry out in our country research similar to that of the aforementioned scholars, this article aims to think about the interpretation of Antiquity promoted by members of *Red Pill* communities that arises from the following question: how the discussion of different themes related to gender issues, especially in the environment of anti-feminist profiles, presents ideas related to Antiquity? To address this issue, we observe the presence of these ideas in videos from a *YouTube* channel. We are interested in the fact that those profiles base their conceptions, above all, on alleged images of Antiquity to reinforce discourses and ideas that define a specific ideal of women: those who are the weaker sex and submissive to men.

KEYWORDS: Antiquity; gender; internet; misogyny.

1. Introdução³

Sabemos que historicamente ideias relacionadas (ou construídas a partir) da Antiguidade já serviram para validar diferentes tipos de discursos, como afirma Helen Morales, em seu livro, “*Presença de Antígona: o poder subversivo dos mitos antigos*”, publicado em 2020 e traduzido para o português por Angela Lobo de Andrade: “A Antiguidade Clássica foi usada para justificar o fascismo, a escravidão, a supremacia branca e a misoginia”.⁴ Tal questão, inclusive, já vem motivando discussões a respeito de como os temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-romana têm sido analisados e, de certa forma, têm influenciado o pensamento, sobretudo, no Ocidente. Em nossa pesquisa, trataremos mais especificamente do modo como ideais alegadamente calcadas no pensamento da Antiguidade Clássica têm servido de base para a argumentação de um grupo classificado como conservador⁵, mas que, em geral, para além do espectro político, costuma produzir (e reproduzir) discursos misóginos. Aqui observaremos como isso se dá nas redes sociais, mais especificamente, em vídeos do YouTube.

Antes de tratarmos mais especificamente do conteúdo de nossa análise, é importante apontar como o tema vem sendo tratado na bibliografia especializada. É o caso, por exemplo, do livro *Trojan Horse: Saving the Classics from Conservatives* de Page DuBois. Já no início do século XXI, em seu estudo dedicado de modo mais geral à discussão da recepção da literatura clássica pelos conservadores nos EUA, a estudiosa afirma que “a Grécia Antiga é fetichizada e idolatrada como origem da civilização ocidental, que, por sua vez, é considerada a única fonte de nossa cultura contemporânea” (DuBOIS, 2001, p. 55)⁶. A estudiosa ainda complementa sua afirmação quanto à influência dessa leitura sobre o pensamento hodierno, mencionando o caso de William Bennett (escritor e político conservador estadunidense) e Allan Bloom (filósofo e

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

⁴ Vale destacar que Morales cita ainda influências positivas do ideal de Antiguidade: “Teve um papel essencial também no idealismo político, inspirando diversas correntes, como os Pais Fundadores (e influenciando documentos fundamentais como a Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos), movimentos sindicais, o marxismo e o movimento pelos direitos dos homossexuais.” (MORALES, 2021, p. 15-16).

⁵ Segundo Charaudeau (2016 *apud* DOS SANTOS, 2021, p. 389), a matriz ideológica de direita tende ao conservadorismo, defendendo, por exemplo, valores como a família, através da tradição do patriarcado. Do mesmo modo, DuBois (2001, p. 27) caracteriza o movimento do conservadorismo cultural (“cultural conservatism”), apoiando-se em estudiosos, como o que tem como objetivo preservar a “cultura ocidental tradicional”, com base na ideia de que para nossa sociedade ser bem-sucedida a conservação de tal cultura e, conseqüentemente, dos valores ocidentais tradicionais, como os judaico-cristãos, se faz necessária.

⁶ “Ancient Greece is fetishized and idolized as the origin of Western civilization, which is in turn considered to be single source of our contemporary culture”. Todas as traduções de língua estrangeira apresentadas aqui são nossas.

classicista). Ambos são citados como exemplo de intelectuais que têm usado um certo ideal da cultura grega para defender suas ideias, fortalecendo, por exemplo, políticos e líderes religiosos que defendem que as mulheres devem obediência aos seus maridos, entre outras questões.

Para ilustrar o modo como o discurso conservador distorce ideias do mundo greco-romano antigo, DuBois, no primeiro capítulo de seu estudo, lembra o fato de que os atenienses se autodenominavam como autóctones. A pesquisadora destaca que tal narrativa de origem desse povo, no entanto, é marcada pela violência:

Era uma vez Hefesto, que passou a desejar a deusa virgem de Atenas, Atena, e tentou estuprá-la. Ela lutou contra ele e, no processo, ele ejaculou em sua capa. Atena limpou sua roupa com um pedaço de lã, deixou-o cair no chão e, assim, fertilizou a terra, a deusa Gaia, com a semente do deus ferreiro. Desta união nasceu o povo ateniense [...] (DuBOIS, 2001, p. 5)⁷.

Ao ressaltar o aspecto violento presente nessa narrativa mitológica, a estudiosa está evidenciando algo que grupos ideologicamente conservadores, que idolatram um estereótipo da sociedade grega antiga, deixam de lado. Como lembra DuBois, ao manipular e distorcer ideias relacionadas, por exemplo, à origem do povo grego, para, em geral, alcançar seus objetivos políticos, conservadores apagam aspectos como estupro ou outras violências tão presentes na mitologia, por exemplo.

Outro estudo que dialoga com o tema é o livro *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age* de Donna Zuckerberg, classicista estadunidense. Ali, a estudiosa trata da relação entre textos e ideias da Antiguidade greco-romana e discursos misóginos na internet. Sua análise é voltada, mais especificamente, para o modo como os textos clássicos têm sido utilizados por grupos das comunidades *Red Pill*⁸, para embasar discursos misóginos reproduzidos em redes sociais dos Estados Unidos.

Na introdução de seu livro, Zuckerberg cita o grupo nacionalista branco *Identity Evropa*, que reúne, sobretudo, homens ligados à extrema-direita, e explica que comunidades masculinistas, também de extrema-direita, que são alinhadas ideologicamente com o *Identity Evropa*, se apropriam, assim como o mencionado grupo, de textos e figuras históricas da Grécia

⁷ “Once upon a time Hephaistos conceived desire for the virgin goddess of Athens, Athena, and tried to rape her. She fought him off, and in the process he ejaculated on her cloak. Athena brushed off her garment with a bit of wool, let it fall to the ground, and thus fertilized the earth, the goddess Gaia, with the smith god’s seed. From this union were born the Athenian people [...]”.

⁸ A comunidade *Red Pill*, conforme explica Zuckerberg (2018), pode ser compreendida como um grupo de homens ligados por ressentimentos comuns contra as mulheres, os imigrantes, os negros e a elite liberal.

e Roma Antiga para embasar a visão reacionária de masculinidade branca ideal por eles propagada. Várias são essas comunidades e elas existem sob o guarda-chuva descrito pelo termo *Red Pill*.⁹ Como sabemos, tal nomenclatura é uma referência a uma cena do filme *Matrix*, em que Morpheus oferece a Neo duas opções de contato com a realidade, definidas pela ingestão de uma pílula. Ao tomar a pílula azul, Neo retornaria a um estado de ignorância (em que vivia anteriormente). Ao ingerir a pílula vermelha (*red pill*), Neo aprenderia a verdade sobre sua realidade. Para os *redpillers*, então, um homem que aceitou tomar a pílula vermelha conseguiria enxergar, entre outras coisas, a injustiça que os homens sofrem, uma vez que a sociedade privilegiaria as mulheres (ZUCKERBERG, 2018, p. 194). Assim, o *redpiller* passaria a compreender, de acordo com Vilaça e D’Andréa (2021, p. 426), a misandria, a dominação da “extrema esquerda”, a “lavagem cerebral” que o feminismo faz, entre outras questões.

A interpretação da mencionada cena do filme *Matrix* adotada por tais grupos misóginos difere, contudo, da proposta pelas diretoras do longa-metragem. Conforme explicam Vilaça e D’Andréa (2021, p. 413), “a pílula vermelha seria uma referência à pílula de estrogênio e escolher tomá-la e entrar na Matrix seria uma alegoria à transição de gênero”. Dessa forma, ainda de acordo com Vilaça e D’Andréa (2021), Lilly Wachowski, uma das criadoras do mencionado filme, rotineiramente se posiciona em suas redes sociais de forma contrária às interpretações feitas por grupos conservadores sobre o significado da pílula vermelha.

Outro comportamento destacado por Zuckerberg é o fato de que os membros de comunidades *Red Pill* desdenham das plataformas de mídia social, mas a utilizam como principal modo de comunicação. Dessa maneira, representantes desses grupos estão presentes no *Twitter*, no *Gab* (rede social menos restritiva do que o *Twitter*), no *Reddit* e no *Voat* (rede social que também é menos restritiva do que o *Reddit*). O conjunto das comunidades que atuam na dispersão desse tipo de pensamento misógeno é denominado “manosphere” (ou “machosfera” em português). Como elucidam Vilaça e D’ Andréa (2021, p. 414), “a *manosphere* é pensada como uma coletânea heterogênea de diversas comunidades e fóruns *online*”, presentes nos *subreddits*, canais do *YouTube*, entre outros.¹⁰ No que diz respeito ao

⁹ Conforme explica Zuckerberg (2018), a *Red Pill* é composta por vários subgrupos, como, por exemplo, *Alt-Right*, *Men Going Their Own Way*, *Pickup Artists*, entre outros.

¹⁰ Nesse sentido, é importante notar como a circulação de discursos misóginos perpassa tanto um ambiente mais obscuro da internet (a chamada *deep web*) quanto esferas mais controladas desse espaço, como as plataformas como *Instagram*, *YouTube* etc. Carecemos ainda de estudos que apontem de forma mais sistemática a relação entre esses diferentes ambientes, no que diz respeito seja à disseminação de ideias seja às fontes de financiamento compartilhadas, por exemplo. Um caso emblemático do modo como há uma atuação articulada entre membros de grupos masculinistas nas diferentes redes é o de Lola Aronovich. A professora e autora do blog “Escreva, Lola,

perfil socioeconômico desse ambiente, estudos com dados oriundos dessas comunidades, segundo Zuckerberg (2018, p. 11), apontaram o seguinte perfil prevalente: 75% dos homens são brancos, heterossexuais, conservadores, sem afiliação religiosa forte e têm entre 18 e 35 anos.

Já no que diz respeito ao modo como membros de comunidades *Red Pill* transformam a Antiguidade, Zuckerberg (2018, p. 03) afirma que se impõe aqui a lógica do “meme”: uma imagem de estátua da Grécia e Roma antigas vira um atalho para que esses homens projetem sua ideologia e a transmitam ao mundo todo. Além disso, acrescenta a estudiosa, alegando se embasarem em autores como Ovídio e Marco Aurélio, os membros dessas comunidades tentam fazer com que se perpetue a ideia de que os homens brancos devem ser os guardiões da autoridade intelectual, principalmente quando essa autoridade sofre ameaça por parte de negros e mulheres.

Registros de misoginia, como a propagada por esse tipo de grupo, como sabemos, já figuravam na literatura antiga. Como indica Zuckerberg (2018, p. 27-30), a ideia de que os homens estariam em melhor situação, se os deuses dessem a eles possibilidade de se reproduzirem assexuadamente se repete na poesia antiga. Na *Teogonia* e em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo argumenta que os homens estariam bem melhores sem as mulheres. No “Fragmento 7”, Semônides lista dez tipos de mulheres, comparando-as com animais e explicando por que nove, dos dez tipos, são horríveis. Entre as comparações, temos a mulher-cavala, que passa muito tempo de seu dia se arrumando, a mulher-porca, que é obesa e imunda, e a mulher-burra, que é teimosa e faz mal o seu trabalho. Excetua-se na lista, a mulher-abelha, que cuida bem de sua casa e é boa esposa, embora Semônides alerte que mesmo esta última pode trair seu marido e fazer com que ele vire motivo de chacota. Outro exemplo notado pela estudiosa é o *Econômico*, de Xenofonte, em que Sócrates conta a história de Iscômaco, cuja esposa, habilidosa em cuidar de sua casa, entendeu os papéis apropriados do marido e da esposa por meio do método socrático de perguntas e respostas. Por fim, Zuckerberg menciona ainda a “Sátira VI”, de Juvenal. Em sua avaliação, este é um texto muito usado pelos sites da *Red Pill* para persuadir os homens a não se casarem, pois, segundo tal poema, qualquer mulher tornará seu marido um miserável. São passagens da literatura antiga como estas que se alinham à

Escreva” vem sofrendo ameaças constantes (inclusive de morte) de grupos misóginos há pelo menos uma década. Seu nome, inclusive, é registrado na chamada Lei Lola, a lei 13.642 de 2018, que concede à Polícia Federal a atribuição de investigar crimes misóginos na internet (VALENTE, 2023).

ideologia da *manosphere*, que aparecem nas comunidades *Red Pill*, conforme explica a estudiosa (2018).

É alvo de escrutínio por parte de Zuckerberg ainda a tentativa por parte dos *redpillers* de aproximar a nossa cultura da cultura clássica, utilizando autores como Ovídio para darem credibilidade ao seu discurso antifeminista. Segundo a estudiosa (2018, p. 147), os homens da *Red Pill* que escrevem sobre a Antiguidade buscam fazer com que seus leitores acreditem que existe uma linha reta de lá até hoje, utilizando a produção escrita de Grécia e Roma antigas para justificar o direito dos homens aos corpos femininos e o poder político sobre eles. Propõem, assim, por exemplo, que o problema da falsa alegação de estupro poderia ser resolvido restringindo, através da legislação, os direitos das mulheres sobre sexualidade e reprodução, dando aos seus parentes homens controle sobre esses aspectos, assim como ocorria na Grécia e Roma antiga. Desse modo, seria irrelevante o fato de uma mulher afirmar que não consentiu uma relação sexual, por exemplo. Zuckerberg conclui seu livro tratando do fato de que os membros da *Red Pill* se apropriam de textos e da história da Grécia e Roma Antiga para reforçarem seus pensamentos mais abomináveis. A título de exemplo, podemos citar a ideia de que a sociedade como um todo se beneficiaria se os homens tivessem a responsabilidade de tomar todas as decisões pelas mulheres, particularmente sobre suas escolhas sexuais e reprodutivas (ZUCKERBERG, 2018, p. 185).

Conforme apresentamos acima, classicistas, como Zuckerberg, Morales e DuBois, demonstraram preocupação em relação à apropriação da cultura clássica pelos conservadores, sobretudo no contexto norte-americano. Numa pesquisa bibliografia sobre este tema, no entanto, percebemos que, até o momento, o assunto não tem recebido tratamento semelhante no Brasil. Assim, julgamos necessário realizar uma pesquisa nesse sentido para entendermos como esse fenômeno tem se operado também em nosso contexto, especificamente no que diz respeito à Antiguidade clássica e aos estudos a ela voltados.

O tema, embora ainda não seja alvo de pesquisas de nossa área, como acima mencionado, é considerado relevante, por exemplo, para o Governo Federal. O Ministério das Mulheres já demonstrou preocupação em relação à violência online contra as mulheres e criou, em 2023, um programa chamado “Brasil Sem Misoginia”, que tem como objetivo enfrentar todas as formas de violência e de discriminação contra as mulheres¹¹. Segundo o programa, a misoginia

¹¹ Disponível em: < <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas-1/brasil-sem-misoginia-1>>. Acesso em: 19 de abr. 2024.

está sendo perpetuada por pessoas que acreditam na superioridade masculina e por canais que alcançam aproximadamente oito milhões de seguidores, pagos por anúncios nas plataformas do *YouTube* e do *TikTok*.

Dessa forma, diante da necessidade de termos pesquisas realizadas em nosso país nesse campo e, pensando na interpretação que vem sendo dada à Antiguidade por membros da *Red Pill*, nossa pesquisa busca responder a seguinte pergunta: como ideias sobre a Antiguidade greco-latina vêm sendo usadas para embasar a discussão de diferentes temas relacionados às questões de gênero, sobretudo no ambiente de perfis antifeministas? Portanto, nosso objetivo é observar o modo como uma determinada imagem da Antiguidade está presente em discursos relacionados às questões de gênero na atualidade, sobretudo no Brasil.

1.1 Seleção do material analisado

A fim de buscarmos compreender e avaliar de que modo são registradas referências à Antiguidade de forma mais geral na discussão de temas diversos relacionados às questões de gênero, utilizamos o método qualitativo, através da análise de vídeos de um canal da plataforma *YouTube*. Escolhemos esta rede social, porque, além de seu grande alcance de usuários, ela possibilita a postagem de vídeos mais longos, o que, a nosso ver, torna possível uma análise mais aprofundada sobre o tema.

Começamos a pesquisa procurando por canais que se enquadrassem no nosso escopo. Dessa forma, inicialmente pesquisamos, usando o mecanismo de busca do *YouTube*, termos que pudessem remeter à Antiguidade: por exemplo, “Lisístrata”, “estoico”, “estoicismo”, “*Meditações* de Marco Aurélio”, “Sêneca”. Os resultados encontrados foram diversos, desde canais com professores ensinando sobre literatura, história e filosofia, até aqueles canais que são o nosso foco, ou seja, canais de criadores de conteúdo conservadores, que estão se apropriando da cultura clássica para disseminar suas ideias e que, de certa forma, ocultam (em maior ou menor medida) uma postura machista e misógina.

Assim, selecionamos o canal denominado *Pl@tinho*¹². Parte da motivação da escolha por esse canal é a visibilidade de seu conteúdo, pois, até a presente data, ele possui 103 mil inscritos e 9.882.493 visualizações.¹³ O produtor dos vídeos do canal é R0drig0 Ferr@ri, homem branco,

¹² Para evitar que uma busca na internet pelos nomes relacionados a pessoas do espectro conservador aqui citados, decidimos descaracterizar essas informações usando caracteres diferentes para as letras “a”, “i” e “o”.

¹³ Segundo Castellano e Miguel (2023), *Pl@tinho* é considerado um dos principais canais de grupos masculinistas.

aparentemente cisgênero, bacharel em filosofia e mestre em sociologia. Ao descrever seu canal, Ferr@ri o define como um “canal de temas variados”. Alguns de seus vídeos, no entanto, estampam, como discutiremos, uma postura misógina, que, por vezes, parte de concepções embasadas na literatura greco-latina, para reforçar discursos e ideias relacionadas a um ideal de mulher específico: o sexo frágil, dotado de instinto materno e submisso ao homem. Outro dado que nos chama atenção (e que reforça a caracterização do perfil de Ferr@ri) é o fato de o *youtuber* se posicionar como alguém que critica o modo como as feministas estão olhando para a Antiguidade. Nesse sentido, parece-nos bastante relevante sua ligação com conhecidos nomes do conservadorismo brasileiro. Em seu *Instagram*, é possível encontrar postagens em que Ferr@ri aparece ao lado de pessoas como An@ C@r011ne C@mp@gn010 (deputada estadual de Santa Catarina, filiada, atualmente, ao PL), Lu1z Fel1pe P0ndé (filósofo, escritor e professor universitário) e, ainda, Brun0 @1ub (*influencer* conhecido como M0n@rk).

2. Análise do vídeo “Silenciament0? | Mulheres e Poder: Um Manifesto”, do canal Pl@tinho

O vídeo “Silenciamento? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*” possui duração de onze minutos e cinquenta segundos e nele Ferr@ri faz uma discussão sobre o livro de Mary Beard, renomada pesquisadora da área de Estudos Clássicos, mencionado no título do vídeo. Em sua análise, o *youtuber* cita trechos, mas também parafraseia ideias ali presentes. Seu objetivo alegado é discutir como a imagem da mulher na Grécia Antiga é parecida com o que vemos, hoje em dia, na mídia. Enquanto o ponto de vista de Ferr@ri é exposto, em geral, ouvimos apenas sua voz, ao mesmo tempo em que uma miscelânea de imagens, retiradas de filmes e outras mídias, é exibida. Em sua maioria, as imagens mostram mulheres vestidas de cor de rosa, em poses emotivas, reforçando visualmente um estereótipo de feminilidade. Por vezes, as imagens remetem a personalidades citadas – é o caso das imagens de Hillary Clinton e Margareth Thatcher, por exemplo.

Em sua exposição, Ferr@ri seleciona alguns pontos da discussão apresentada por Mary Beard, cuja linha argumentativa ele alega adotar. O primeiro deles é a questão da voz feminina no espaço público. Assim, a primeira referência à literatura grega que aparece no vídeo é um trecho da *Odisseia*, de Homero, citado pela pesquisadora em seu livro. Como explica Ferr@ri, Beard afirma que temos nele o primeiro caso de silenciamento de uma mulher já documentado.

Como vemos na passagem do poema homérico, Telêmaco, se dirige a sua mãe, Penélope. Sua resposta envolve o pedido da mãe que solicitara, num determinado momento, que fosse interrompida a música que estava sendo executada, já que essa a fazia se lembrar de Odisseu, ausente há longos anos. A fala de Telêmaco é centrada na censura à mãe, que, na opinião dele, deveria se recolher ao espaço adequado às mulheres: o quarto, o labor na roca e no tear.

Segundo Beard (2018, p. 16), esta discussão entre Penélope e seu filho exemplifica como as mulheres não eram ouvidas em âmbito público na Grécia Antiga. A estudiosa ainda acrescenta: “[...]. Mais que isso, na visão de Homero, parte do amadurecimento, no caso do homem, é aprender a assumir o controle do pronunciamento público e silenciar a fêmea da espécie [...]” (BEARD, 2018, p. 16). Assim como Mary Beard, Ferr@ri ressalta que, quando Telêmaco diz “que aos homens importa a palavra” (Homero, *Odisseia*, I, 358), o termo usado em grego é *muthos*. Em suas palavras, ao comentar a discussão da historiadora inglesa, o *youtuber* define *muthos* assim: “é o discurso público abalizado, em oposição à tagarelice das mulheres”. Já aqui é importante destacar como Ferr@ri distorce, mesmo que de modo sutil, ideias apresentadas por Beard. A historiadora afirma que “no grego homérico, *muthos* define o discurso público abalizado, não o tipo de conversa, tagarelice ou fofoca a que qualquer pessoa – inclusive as mulheres, ou em especial as mulheres – poderia se dedicar” (BEARD, 2023, p. 18). Como vemos, ainda que Beard oponha *muthos* a um tipo de conversa mais corriqueiro, como a “tagarelice”, Beard faz questão de ressaltar que qualquer um pode ser tagarela, não somente as mulheres. Ao restringir a oposição entre algo masculino (*muthos*) e algo feminino (“tagarelice”, Ferr@ri conduz seu público a uma forte dicotomia, baseada nos gêneros, que substitui a ideia de público *versus* privado que está em destaque na afirmação de Beard.

Ainda quanto a este tema, o *youtuber* prossegue, acompanhando a argumentação de Beard, citando a peça *Assembleia das Mulheres* de Aristófanes. Como sabemos, o enredo dessa comédia envolve um grupo de mulheres que decide convencer os homens a lhes dar o controle da cidade de Atenas. Para Beard (2023, p. 21), “parte da graça era que as mulheres não sabiam falar adequadamente em público – ou melhor, eram incapazes de adaptar a linguagem pessoal [...] ao sublime idioma da política masculina”. Para Ferr@ri, no entanto, a inadequação do enredo gira em torno do fato de que “[...] as leis que elas fazem nessa peça [...] envolvem coisas como a abolição do casamento, o fim da propriedade privada e outras ideias até hoje associadas aos movimentos femininos [...]”.

Essa tensão sobre o pertencimento ou não das mulheres ao espaço público, seja em Atenas do século V, seja nos dias de hoje, é o foco de Beard em outro exemplo ainda. Trata-se das situações em que as mulheres assumiriam a “língua dos homens”. Para Beard, na Antiguidade, esse é o caso de Clitemnestra, esposa de Agamemnon. Como explica a estudiosa, a personagem é referida nos textos em termos masculinos. Ao tratar deste tópico, o *youtuber* afirma que para que as mulheres consigam ter esse “jeito masculino”, elas precisam excluir de suas falas determinados conteúdos, como questões de sexo, que seriam do âmbito privado.

Nas palavras do *youtuber*:

[...] Um caso famoso é a esposa de Agamemnon, Clitemnestra, que, quando começa a planejar a morte do marido, para tomar o trono com o seu amante, é referida nos textos em termos masculinos, até na própria linguagem, e hoje a gente vê isso em mulheres como, Angela Merkel, Margaret Thatcher, Hillary Clinton, Teresa Mei etc. **Mulheres que falam na língua da política, a língua pública, a língua dos homens, ao invés de falar de maneira privada e pessoal, focada na própria perspectiva, em questões femininas, especialmente as relacionadas ao sexo, que são as características que os antigos atribuíam a essa fala das mulheres** [...] (Pl@tinho, Silenciamento? | Mulheres e Poder: Um Manifesto, YouTube, 2019, grifos nossos).

Contudo, essa associação extrapola o pensamento de Beard, pois, ao afirmar que as mulheres “eram incapazes de adaptar sua linguagem pessoal (que, no caso era amplamente ligada a sexo) ao sublime idioma da política masculina” (BEARD, 2023, p. 21), a pesquisadora abordava o enredo da mencionada peça teatral para alegar que, mesmo quando não há o silenciamento das mulheres o preço que elas pagam para serem ouvidas é muito alto (BEARD, 2023, p. 20).

Ao tratar do que considera um segundo caso no qual as mulheres têm legitimidade para falar no espaço público, Ferr@ri acrescenta o caso em que a mulher fala para denunciar uma injustiça que uma minoria está sofrendo. Segundo ele:

[...] E o outro caso é ainda mais marcante para nós, porque é a voz da denúncia, a voz que declara sofrimento de uma injustiça, mas ela é sempre a injustiça contra elas mesmas ou contra uma classe, contra uma minoria, nunca contra o todo. Existem relatos de mulheres cristãs denunciando a injustiça que sofreram antes de serem jogadas aos leões. Relatos de mães e esposas falando do sofrimento dos maridos e filhos... isso não falta. **É que, neste campo, a mulher tem sim legitimidade e o privado é o seu reino** [...] (Pl@tinho, Silenciamento? | Mulheres e Poder: Um Manifesto, YouTube, 2019, grifos nossos).

Ocorre que, em sua obra, Beard, na verdade, trata de situações em que o discurso público feminino poderia acontecer na Grécia Antiga. Seriam elas: “para prefaciá-la própria morte” (BEARD, 2023, p. 23) e para que pudessem “defender seu lar, seus filhos, seu marido ou os interesses de outras mulheres” (BEARD, 2023, p. 25). A estudiosa ainda acrescenta, argumentando que “[...] as mulheres podem, em circunstâncias extremas, defender publicamente os próprios interesses setoriais, mas não podem falar pelos homens nem pela comunidade como um todo [...]” (BEARD, 2023, p. 25). Parece-nos, então, que possivelmente Ferr@ri, ao afirmar que as mulheres têm legitimidade para denunciar injustiças sofridas por elas mesmas ou por uma minoria, pois o “privado é o seu reino”, está, de forma alusiva, distorcendo agendas de defesa de grupos minoritários, tratando-as como “coisas de mulher” ou limitando a validade do discurso feminino quando trata desses assuntos (que, além de tudo, extrapolam o ambiente doméstico, no qual, teoricamente a mulher teria autoridade).

Ainda sobre a questão da legitimidade da voz feminina para denunciar uma injustiça sofrida por uma minoria, Ferr@ri, partindo da discussão feita por Beard, argumenta que as mulheres estão caindo no que ele chama de “denúncia da injustiça particular”. Em suas palavras:

[...] Um bom exemplo prático de hoje, que é meu e não deles, é como a Pitty, num programa do Morning Show, usou a palavra ‘machismo’ para designar o que a Cláudia Leite sofreu quando ela foi a um programa do Silvio Santos, em que ela estava com uma roupinha rosa e ele foi vulgar com ela. **Antigamente, um homem não faria aquilo com uma mulher, porque era, basicamente, tabu falar livremente sobre essas coisas com as mulheres desconhecidas em público. Você não trazia assuntos sexuais e não falava dessas coisas... o seu avô, seu bisavô, sabiam disso. Mas, agora, esses preconceitos de não fazer essas coisas com as mulheres foram destruídos, então, é preciso chamar esses caras de machistas, para designar, justamente, o novo comportamento problemático que surge da destruição dos tabus antigos. O progresso se converte em regresso para sobreviver** [...] (PL@TINHO, Silenciamento? | Mulheres e Poder: Um Manifesto, YouTube, 2019, grifos nossos).

Neste trecho, podemos notar que Ferr@ri defende que, o que hoje em dia é considerado um assédio, ou seja, um crime, é percebido de tal maneira apenas porque houve “a destruição dos tabus antigos”. Dessa forma, o *youtuber* transfere a responsabilidade da agressão para uma percepção cultural. Assim, para Ferr@ri, a questão não é a inadequação de quem assedia, mas que “falar de sexo” (que é o modo como ele denomina o crime de assédio) não é mais tabu; por isso, na opinião dele, “é preciso chamar esses caras de machistas”, uma nomenclatura para

“designar, justamente, o novo comportamento problemático”. Desse modo, a diferença para Ferr@ri parece ser apenas da ordem do discurso, ou seja, não há consequência prática, mas um efeito meramente discursivo. Portanto, as mulheres agora têm um novo vocabulário para tratar de seus problemas “particulares”, não universais.

Outro trecho do vídeo que julgamos ser importante discutir é a fala de Ferr@ri sobre a imagem que as feministas passam. O *youtuber* trata desse aspecto ao comentar um trecho do livro de Beard em que a estudiosa trata do modo como são representadas na Antiguidade as mulheres que alcançam lugares de poder. Como exemplo, ela cita Medeia, Clitemnestra e Antígona. Como aponta Beard (2023, p. 66), o que hoje tomamos como paradigma de mulheres inescrutáveis, era, na Antiguidade, a representação de uma “desordem” nos cosmos social, de modo que essas mulheres não eram associadas ao poder, mas à destruição. Nesse contexto, Beard afirma: “de fato são as inquestionáveis trapalhadas feitas pelas mulheres com o poder no mito grego que justificam a exclusão delas, desse âmbito, na vida real e justificam o papel do homem” (BEARD, 2023, p. 66-67). Ferr@ri toma essa afirmação – claramente relacionada ao contexto grego – como “essencial” para a “percepção de como que o machismo se manifesta através do feminismo”. A explicação dele para tal fato é a seguinte:

[...] Se a gente vive na determinada cultura, que é a mesma que a cultura dos gregos, quando a imagem pública da mulher vai se formar, qualquer que seja o processo que determina a consolidação duma imagem que consegue efetivamente representar as coisas para todo mundo, neste processo, o feminismo ele é filtrado... ele se transforma na visão da cultura ocidental, da mulher. Então, o que a gente vê as feministas fazendo lá... e esse é o problema: **o que a gente vê as feministas lá fazendo é essa imagem caricatural, horrível, que é impossível pedir para os homens defenderem.** Só que aí a defesa disso é feita de uma forma meio que: não, nem todo mundo é assim... não é bem assim. Não adianta, entendeu? Não adianta que você não seja assim. **O ponto é que, se a imagem que representa o feminismo for a imagem das trapalhadas femininas, que é exatamente o que aconteceu... cara, não tem o que fazer... isso é... isso está aqui no mito grego... é por essência aquilo que faz os homens se levantarem [...]** (PL@TINHO, Silenciamento? | Mulheres e Poder: Um Manifesto, YouTube, 2019, grifos nossos).

Como vemos, Ferr@ri assume que “a gente vive na determinada cultura, que é a mesma que a cultura dos gregos” e, por isso, toma a afirmação de Beard sobre as “trapalhadas feitas pelas mulheres com o poder” como uma imagem do que, na opinião dele, o feminismo faz atualmente. Ainda exploraremos com mais profundidade a presença dessa ideia de que nossa sociedade é um decalque das sociedades greco-romanas nos discursos misóginos. Mas em nosso

primeiro contato com a bibliografia sobre o assunto, já foi possível perceber como esse ponto é crucial, inclusive para a reflexão crítica sobre o assunto.

Também Beard (2023, p. 31), diferentemente do que parece entender Ferr@ri, nos esclarece que “a cultura ocidental não deve tudo aos gregos e romanos, nem em relação à fala nem a qualquer outra coisa (graças aos céus por isso, pois nenhum de nós gostaria de viver num mundo greco-romano)”. Assim, apesar de o *youtuber* afirmar que embasa seu pensamento nas ideias de Beard, em nenhum momento do livro, a estudiosa defende que a nossa cultura é igual a cultura grega, apenas mostra que a relação das mulheres com o poder tem raiz na Antiguidade, nos chamando a refletir sobre a questão.

Para finalizar o vídeo, Ferr@ri traz dados que Beard apresenta em seu livro sobre a proporção de mulheres nas assembleias legislativas, mostrando que, por exemplo, em Ruanda, mais de 60% dos membros dos órgãos legislativos são mulheres. Sobre este número elevado, Beard questiona: “mas eu me pergunto se, em alguns lugares, a presença de um grande número de mulheres no Parlamento significa que lá seja o lugar onde o poder *não está*” (BEARD, 2023, p. 91-92). Já para o *youtuber*, o alto percentual é consequência da extrema representatividade que as mulheres ganharam. “Para fazer o quê?”, Ferr@ri indaga. E complementa: “para reforçar a imagem que a cultura ocidental já tinha sobre elas e não para desafiar essa imagem... jamais para desafiar essa imagem!” (PL@TINHO, 2019). Ao afirmar que as mulheres ganharam representatividade para continuar reforçando uma determinada imagem que a cultura ocidental já tinha sobre elas, Ferr@ri parece sugerir que as conquistas alcançadas pelas mulheres, como o direito ao divórcio, devem ser menosprezadas, reforçando a ideia de que é o mundo deve ser governado por homens, visto que as mulheres já tiveram sua chance e falharam.

Podemos perceber, então, que Ferr@ri se apropria não só de ideias da Antiguidade, mas também de interpretações e leituras, inclusive de estudiosos abalizados, como Mary Beard, para formatar um discurso, no mínimo, antifeminista. Apesar de o *youtuber* apresentar uma suposta leitura de Beard para embasar seu pensamento, como tentamos mostrar, parece-nos que sua leitura vai em sentido contrário à dela. Seu discurso, contudo, parece querer convencer sua audiência de que a estudiosa tem ideias semelhantes às suas, por meio de recortes de passagens do livro em questão. Dessa forma, quem não fez a leitura do livro de Beard fica refém da exposição de Ferr@ri e pode acreditar que todo o exposto faz parte do pensamento de uma classicista de renome.

3. Breves considerações finais

Ao realizar a análise do vídeo selecionado, percebemos que Ferr@ri se apropria de ideias relacionadas à Antiguidade, seja através da literatura, seja através da filosofia, para reforçar ideias misóginas nas redes sociais. Dessa forma, o *youtuber* pode ser enquadrado sob o guarda-chuva descrito pelo termo *Red Pill*, uma vez que ele procura, em seus vídeos, além de inferiorizar as mulheres, passar a ideia de que os homens são superiores intelectualmente.

Podemos notar, ainda, que Ferr@ri procura transmitir uma imagem de alguém culto, que tem embasamento numa formação acadêmica – perfil nem sempre comum entre os conservadores, que, muitas vezes, adotam postura anti-intelectual. Assim, ainda que pareça distorcer os ensinamentos filosóficos a seu favor, o *youtuber* procura se apresentar claramente como um intelectual, citando filósofos como Adorno e Horkheimer. Além disso, podemos notar que, ao gravar seus vídeos em um ambiente com muitos livros, Ferr@ri parece querer reforçar imageticamente tal imagem de erudição. Nesse sentido, a presença de referências e análises alegadamente embasadas em reflexões sobre a Antiguidade Clássica pode ser vista como mais um elemento direcionado para a construção de uma imagem de saber específico, calcado num legado da tradição Ocidental. Em seus vídeos, não é incomum a menção a autores antigos, por exemplo: “Virtudes Mor@is: O Estoicism0 de Sê nec@” e “Mulheres não @mam? – Sócrates Feminist@ no *Fedro* de Platão”. Isso parece reforçar a ideia de que os argumentos do *youtuber* têm lastro no pensamento antigo (e que este é o único modo de pensar da Antiguidade).

Por fim, é importante, como afirma Beard (2023, p. 31), esclarecer que a cultura greco-latina não deve ser espelho para a nossa, mas sim espaço de reflexão e proposição crítica. Como ressalta a estudiosa inglesa:

[...] não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura (BEARD, 2023, p. 32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Tradução de Jennifer Koppe. 2. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- CASTELLANO, Mayka; MIGUEL, Vinícius Machado. “O sofrimento amoroso do homem”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda. *RuMoRes*, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 116-135, 2023. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/214389>>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- DOS SANTOS, Frederico Rios C. *A Construção Histórico-Sociológica do Discurso Conservador e do Discurso Progressista: da Grécia Antiga à Restauração*. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 36, p. 387-397, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2627>>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- DuBOIS, Page. *Trojan Horses: Saving the Classics from Conservatives*. New York University Press, 2001.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MORALES, Helen. *Presença de Antígona* [recurso eletrônico]: o poder subversivo dos mitos antigos. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2021.
- PACE, Catarina. et al. *Alerta Vermelho: a emergência do movimento Red Pill*. *Contraponto*, São Paulo, ed. número 135, páginas 4-5, abril/maio de 2023. Disponível em: <https://issuu.com/jornalcontraponto/docs/contraponto_ed135_web/4>. Acesso em 13 de jun. 2024.
- PL@TINHO. “Silenciament0? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*”. YouTube, 04 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=PuogpRs2DsU>>. Acesso em: 25 de jul. 2023.
- VALENTE, Mariana. *Misoginia na internet*. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.
- VILAÇA, G.; D’ANDRÉA, C. *Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas*. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 410-440. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703>. Acesso em: 04 de abr. 2024.

ZUCKERBERG, Donna. *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age*.
Cambridge: Harvard University Press, 2018.